

## “O VÉIO, O GURI E O BURRO”: A VALORIZAÇÃO DA CULTURA CUIABANA ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS USANDO O LINGUAJAR TÍPICO DA REGIÃO

Educação, Infâncias e Crianças

Erica Ingrede dos Santos Neves Prado<sup>1</sup>

**RESUMO:** O falar cuiabano faz parte do patrimônio histórico imaterial de Mato Grosso, como tal, não pode correr o risco de se apagar definitivamente da memória da população, pois esse linguajar não veio do acaso, mas foi construído ao longo dos séculos, tendo a influência de outras línguas, como as dos indígenas, espanhóis e portugueses. Muito mais do que um “falar engraçado”, ele não deixa que a população se esqueça de sua origem. A contação de histórias usando o linguajar típico da região é uma das formas de se preservar tal patrimônio e isso, não pode ser feito de qualquer forma, mas com intencionalidade, principalmente no que se diz respeito a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. A partir da contação de história do conto tradicional “O velho, o menino e o burro” vivenciada e discutida na disciplina optativa “Literatura infantil” ofertada pelo Instituto de Educação da UFMT- sede e posteriormente contada a uma turma de alfabetização de 1º ano, buscamos abordar e discutir, a partir de teóricos, a valorização através da contação de história para crianças, o preconceito existente e como se pode trabalhar tais abordagens na educação infantil e ensino fundamental.

3250

**Palavras-chave:** Linguajar Cuiabano. Contação de Histórias. Educação Infantil. Ensino Fundamental.

### INTRODUÇÃO

A contação de histórias é essencial na prática pedagógica dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental e educação infantil. Ela está ligada diretamente à literatura infantil, que por sua vez, tem por intuito de levar a criança ao mundo da imaginação, fantasia, prazer e descoberta. Além desses fatores, ela proporciona ao ouvinte e ao docente mediador da história a ampliação do vocabulário, aproximação com narrativas e contextos diferentes, podem também, levar à ampliação dos conhecimentos sobre a cultura local ou nacional.

---

<sup>1</sup>Pedagogia- Licenciatura IE/ UFMT; Professora dos anos iniciais -Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá- MT

Dentro deste Universo que é a contação de histórias, a ficção se mistura com a realidade, trabalhando de forma articulada os dois mundos. As experiências podem ser trocadas entre a história, o mediador e os ouvintes.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o transito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são plano imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Nessa atividade, valores e ações são ensinados podendo marcar a vida de uma criança de forma significativa. Ao assumir essa responsabilidade, o professor mediador desse momento pode potencializar ou não as capacidades dos alunos.

A contação de histórias faz parte do desenvolvimento oral da criança, como tal, ele contribui na formação de condutas, pensamentos e memórias.

[...] a linguagem oral é importante para internalização de condutas, atua também na constituição da memória, da atenção e da imaginação: é ela que forma as bases para a memória, para estabilização da atenção e para o desenvolvimento da imaginação (AMARAL; MELLO, 2008, p. 39).

É neste momento que a criança pode entrar em contato com culturas locais e diferentes, ouvir e contar histórias, relatar fatos e experiências, sobretudo se for na pré-escola, que é onde ela começa a descobrir suas potencialidades e tem uma das suas maiores fases de desenvolvimento.

Não se pode ignorar o fato de que muitas dessas crianças chegam até a unidade escolar carregadas de sua linguagem materna, ou seja, elas trazem alguns linguajares, expressões que “fogem” da norma linguística padrão da língua portuguesa. E se considerar que a contação de histórias faz parte da formação humana, especificamente do desenvolvimento da linguagem oral, escolar e cultural, pode-se aproveitar este momento mágico e encantador para problematizar sobre a cultura, mais especificamente, o linguajar típico cuiabano.

O linguajar cuiabano é apenas um dentre os muitos existentes no Brasil, como tantos outros, ele advém de misturas de culturas diferentes, este por sua vez, é oriundo de influências do linguajar indígena dos nativos da exploração colonial, espanhóis, portugueses e africanos. Suas características são marcantes carregadas de sotaque e de uma simplicidade inigualável, que ainda estão vivas, mesmo que exista escárnio, preconceito e por alguns momentos, sendo o linguajar taxado de ‘horrrível, feio, estranho e esquisito’, ele faz parte do patrimônio cultural oral e linguístico do município de Cuiabá. A contação de

histórias usando o linguajar típico da região é uma das formas de se preservar este patrimônio imaterial do estado de Mato Grosso, e isso, não pode ser feito de qualquer forma, mas com intencionalidade, principalmente no que se diz respeito à educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Ao abordar este tema, se pretende discutir o preconceito existente em torno do linguajar típico da capital mato-grossense e evidenciar que ele deve ser preservado e valorizado.

## 2. Por que contar histórias no linguajar Cuiabano?

Segundo a BNCC na Educação Infantil e ensino fundamental, é preciso desenvolver a construção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes e valores:

A valorização da diversidade de culturas das diferentes crianças e de suas famílias por meio de brinquedos, imagens e narrativas que promovam a construção por elas de uma relação positiva com seus grupos de pertencimento, deve orientar as práticas criadas na Educação Infantil ampliando o olhar das crianças desde cedo para a contribuição de diferentes povos e culturas. Na formação de pequenos cidadãos compromissada com uma visão plural de mundo, é necessário criar condições para estabelecimento de uma relação positiva e uma apropriação das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América, reconhecendo, valorizando, respeitando e possibilitando o contato das crianças com as histórias e as culturas desses povos (PARECER CNE/CEB N° 20/2009, p. 10).

A diversidade de culturas deverá ser apresentada às crianças com olhar acolhedor, garantindo o respeito e a valorização de todas elas, pois cada uma delas teve uma grande contribuição na construção da individualidade de cada ser humano, não sendo diferente com relação à cultura cuiabana, se faz necessário contextualizar a sociedade que se tem hoje e sobre qual nos constituímos.

É sabido que a contação de histórias é importante para o desenvolvimento das potencialidades, habilidades e capacidades infantis, ela é uma das mais antigas formas de comunicação, a oralidade. Por meio dela é possível compartilhar experiências, repassar costumes, tradições e tratar com ‘humor’ e ‘leveza’ situações do cotidiano. Ao ouvir novas histórias e enredos, as crianças se deparam com situações nunca vistas ou pensadas antes, interligam ou associam as suas vivências ao que ouviram. Elas podem expandir seu universo cultural, aprendendo assim, a respeitar a diversidade existente no país, cidade ou comunidade, e mais, poderão ser despertados olhares curiosos e questionadores.

Nunca se falou tanto em literatura infantil como nas últimas décadas, e, o movimento de contação de histórias é o seu principal instrumento. Formar leitores não é uma tarefa fácil, depende muito da forma como será mediado e como é feito o contato com os textos, livros e a cultura. Por isso, a contação é uma peça fundamental nesse processo de valorização da cultura regional.

Como o texto presente trata sobre um recorte da cultura cuiabana, nada mais apropriado do que se usar os patrimônios culturais dela para falar de valorização e preservação da mesma. O escolhido foi o patrimônio imaterial de Cuiabá que é o linguajar típico da região, que ainda é falado em boa parte das famílias mais tradicionais da cidade.

A Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso resolveu registrar no dia 22 de maio de 2013 no patrimônio Histórico e Artístico Estadual o modo de falar do Linguajar Cuiabano<sup>2</sup>. Isso mostra a importância que este tem para o estado, e de como ele precisa ser preservado. De alguma forma muitos têm perdido e negado, julgando ser a local inferior as que advêm de outras localidades.

A história do “O velho, o menino e o Burro” recontada em linguajar típico da cultura cuiabana, convida o ouvinte a rir, aprender, imaginar e ressignificar o conto tradicional, pensando em como este seria se tivesse acontecido em Cuiabá. Não só isto, mas intrigar pela forma como as palavras são colocadas, e gera curiosidade a linguagem abordada.

Muito mais do que um “falar engraçado”, usá-lo não deixa que a população ou quem o ouça se esqueça da origem cuiabana e seus atributos culturais, revive histórias típicas da região e pode inclusive gerar, de certa forma, um senso de pertencimento. Em seu livro intitulado “O falar Cuiabano”, Cristina Campos, diz que nas últimas décadas há uma crescente tendência a negar e desvalorizar o linguajar cuiabano, por causa do estranhamento e recusa advindos de estrangeiros e até os próprios moradores nascidos em Cuiabá (CAMPOS, 2015).

Logo se pensou que esse reconto poderia, de certa forma, valorizar a cultura cuiabana, já que este dialeto é tão peculiar. Através da experiência veio a dúvida, “Por que não trabalhar esse dialeto nos anos iniciais?” Ou melhor “Por que não mostrar o valor da cultura local na educação Infantil?” Sendo que esse “trabalho” consta em resoluções federais, principalmente, no que tange à educação infantil.

---

<sup>2</sup> O documento da Portaria nº 017/2013 está disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/53539954/doemt-24-04-2013-pg-16>. Acesso em: 30 mar. 2023.

- I - proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo;
- II - reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças (RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 05/2009).

Este assunto precisa ser abordado, não por boa vontade do regente de sala de aula, mas por um direito e uma obrigação ao respeito das múltiplas culturas existentes no país, direito esse garantido em documentos normativos nacionais e municipais.

### 3. Preconceito linguístico para com os falantes do linguajar Cuiabano

A preocupação com a preservação do linguajar típico cuiabano vem crescendo de forma significativa. Doutores, mestres e graduados tratam do assunto com muita preocupação. Sobre o tema, um breve estudo foi realizado por Paes e Souza da Universidade de Cuiabá (UNIC) no ano de 2014 em Cuiabá, no qual realizaram um levantamento a respeito do aspecto sócio linguístico metropolitano, por meio de entrevistas com 17 moradores. Nesta pesquisa, elas concluem que:

[...] na região metropolitana de Cuiabá, o comportamento linguístico dos cuiabanos tem sofrido consideráveis transformações ao longo dos anos, levando o Cuiabanês quase ao desaparecimento [...] a partir dos estudos realizados, rever a questão linguística na cidade de Cuiabá, elaborar políticas educacionais voltadas para a valorização do “Cuiabanes”, visto que o mesmo faz parte da cultura Cuiabana (PAES; SOUZA, p. 39).

3254

O “cuiabanês” tem desaparecido das ruas da cidade, haja vista que cada vez mais as novas gerações querem esquecer. Alguns sentem vergonha e o consideram como “errado”, “esquisito” e até “impróprio”. E muitas vezes, a maioria dos casos de preconceito, é pelo fato do não conhecimento da origem desse linguajar.

O desaparecimento pela cultura regional está em ameaça desde o final da década de 70, a modernização e migração que vieram acontecendo nas décadas seguintes interferiram na cultura típica cuiabana, tornando-a menos hegemônica e essa necessidade de manter a cultura viva veio encontrando resistência por conta das novas concepções de cidade e modernidade, como ressalta Dal Moro (2010).

O resgate da cultura cuiabana, por consequência, o dialeto ou seu linguajar típico, ganha destaque nos documentos normativos municipais:

A retomada do orgulho de ser cuiabano e de valorizar as coisas da terra é o carro-chefe nesse contexto. As danças e músicas e o sotaque cuiabano reaparecem com força atualmente, porém, ressignificados. Os trabalhos do Grupo Flor Ribeirinha, Grupo Flor do Campo, do cururueiro Fermino José da Silva, se fazem presentes nos eventos e festivais do Cururu e Siriri de Mato Grosso. Os artistas Liu Arruda, Nico e Lau, dentre outros, também se tornaram conhecidos (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CUIABÁ, p. 25).

O município de Cuiabá insere em seu currículo escolar o trabalho e inserção da história da capital em seus conteúdos. Como forma de reafirmar sua identidade cultural e mantê-la viva nos contextos escolares e na sociedade.

O falar ou dialeto cuiabano possui uma história, e por trás dela há uma variedade singular de misturas culturais. Ele seria o resultado da mistura entre Africanos, Indígenas, Portugueses e Bandeirantes, nesses conjuntos:

Conviveram, nesta região, em diferentes momentos e diversos graus de intencionalidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade de português falada ainda hoje, na baixada cuiabana (DETTONI, 2003, p. 197 apud COX, 2009, p. 78).

Vários povos vieram para região de Cuiabá com intuito de buscar ouro e por especiarias que as terras desconhecidas poderiam ter.

Desde a fundação do arraial de Cuiabá, em 1719, a vida [...] era precária. Confrontos com índios, doenças, rios de difícil navegação, além da falta de investimentos que propiciassem a autossustentação caracterizavam a rudeza e a brutalidade da mentalidade colonialista, que só se importavam com o ouro e a algum diamante extraídos, que seguiam diretamente para coroa portuguesa (CAMPOS, 2014, p. 92)

Muitos ancestrais da cultura mato-grossenses foram silenciados pelas armas dos Europeus, mas existiram também, povos indígenas que resistiram bravamente e defendiam seus territórios, dentre eles os de maior destaque são os Guaicuru e os Payaguá. Como não conseguiram subjugar esses povos, os colonizadores viram a necessidade de criar uma relação amistosa entre eles e os nativos.

Já por outro lado, a igreja católica teve grande influência no período colonial, ao catequizar os índios, ela ajudou a construir diretamente a cultura local. Muitos dos ritos e crenças desse tempo ainda estão presentes em muitas festividades que acontecem hoje na cidade de Cuiabá, um exemplo disso, é a Cavallhada.

O Mato Grosso e por consequência Cuiabá, foi um dos pontos de encontro e a guerra entre a tríplice aliança entre Uruguai, Argentina e Brasil. Após cinco anos de conflitos, foram repensadas as relações e foi neste período que foi restabelecido o fluxo pela bacia do rio Paraguai que ligou o Mato Grosso ao Atlântico. Foram abertas casas Comerciais e exportações de matérias primas começaram a acontecer. Isso trouxe um grande fluxo de pessoas com culturas e linguajares diferentes. Exemplo disso foi a influência da língua castelhana, que pertencia ao país vizinho.

Como se pode notar, Cuiabá foi o palco e passagem de muitos povos e culturas diferentes e, ainda hoje, se vê várias imigrações. Como resultado disso a cultura se formou e houve também, ao longo dos anos choque de algumas com a cultura cuiabana, causando assim, certa aversão ou preconceito por parte dos imigrantes com relação aos falantes do linguajar típico da região. Sobre o assunto, Cox diz:

Os colonizadores que aqui aportaram nas últimas quatro décadas – oriundos principalmente das regiões sul e sudeste, que se representam e apresentam diante dos outros brasileiros como parte esclarecida e desenvolvida da nação – tenderam a interpretar o mato-grossense nativo e suas diferenças culturais e linguísticas como má diferença, como defasagem, como falta, como atraso, como um momento já superado de sua própria história. Essa leitura justificava, assim, a boa intenção de promover o outro à maioria cultural

(COX, 2014, p. 83).

São essas misturas que formaram a singularidade do dialeto cuiabano, sofrendo influências de outras culturas construiu a sua. Os que não conhecem o contexto histórico, em sua maioria, terão dificuldades de entender e interpretar as formas de falar dos típicos moradores de Cuiabá. Ao longo das últimas décadas alguns imigrantes Sulistas e do Sudeste tendem a interpretar o linguajar típico cuiabano como um ‘atraso’, ‘horrrível’ ou ‘inadequado’, Para Assis-Peterson (2005, p. 195) “muitos cuiabanos viram-se obrigados a apagar os traços do seu linguajar”. Essas atitudes resultaram em uma barreira e um preconceito criado com relação ao falar típico da região de Mato Grosso, e por consequência, de Cuiabá:

[...] o mato-grossense foi desenvolvendo uma atitude de vergonha em relação à sua língua materna, um desejo de calá-la, principalmente nos espaços onde a interação com os “estrangeiros” era inevitável. Nesses espaços, expressar linguisticamente a identidade de cuiabano era tornar-se alvo de deboche (COX, 2014, p. 83).

Não é à toa que o linguajar das gerações mais novas tem mudado, por causa da hostilidade e ridicularização, elas têm sido forçadas a esconder suas origens. Até em escolas de Educação Infantil, as crianças não têm mais o sotaque, as poucas que ainda restam, são ridicularizadas ou motivo de piada até de alguns professores. Esse fenômeno é chamado por Cox como uma “resposta em eco da voz do colonizador” e com isso, o Falar Cuiabano foi fenecendo (COX, 2014, p. 84).

O preconceito e menosprezo com relação a qualquer sotaque e linguajar, fora do europeu advém de antes dos tempos em que os portugueses chegaram ao Brasil. Todos modos de falar precisavam se adaptar ao europeu, que era tido como o “correto” e “Padrão”. Como mencionado anteriormente, muitos dos que desembarcaram na região de

Cuiabá chegaram com sede de ouro e pedrarias finas, cegos pela ganância e pela riqueza, subjugaram e escravizaram vários povos que viviam nessa região.

O intuito de se abordar esse tipo de preconceito na Educação Infantil e anos iniciais é calar o eco da voz preconceituosa e taxativa que soa do período colonial. E preservar o que ainda resta do Falar Cuiabano. Culturalmente falando, o linguajar é importante na construção histórica de um povo, ele mostra a identidade e não deixa que o povo se esqueça de onde veio, das superações, vitórias e conquistas.

Por isso, a preocupação de vários pesquisadores, principalmente os locais, em derrubar por terra as concepções criadas em volta da cultura cuiabana, contribuir para mudanças e ampliação dos conhecimentos em relação à cultura. Não somente isso, mas o respeito à valorização daquilo que é parte de uma construção história cultural e também levar a reflexão sobre as formas como são tratados os falantes do linguajar.

Além desses fatos, é preciso lembrar que a família onde a criança nasceu pode por muitas vezes estar imerso nessa cultura, é nesse meio social que se estabelece as primeiras relações com a linguagem, é nele que os novos indivíduos reproduzem as práticas dos mais velhos, como afirma Vygotsky (1987) é na interação com outros sujeitos que a criança constrói sua própria identidade.

3257

Ao chegar nas instituições de ensino, o contraste entre a linguagem materna e a formal poderá ser muito grande, isso pode acarretar na perda e preconceito do Linguajar que o indivíduo trouxe consigo. Como via de mão dupla, o educador e os alunos precisam aprender a lidar e respeitar com tais situações, de tal forma, que esta não produza a perda das raízes de cada estudante. Precisa ser discutido e falado, mas com respeito e responsabilidade.

#### **4. Contando a história “O Velho, o menino e o burro” de um jeito diferente**

Na disciplina optativa “Literatura Infantil”, ministrada pela Dra. Bárbara Cortella P. de Oliveira, no curso de Pedagogia do Instituto de Educação da UFMT, algumas experiências sobre e com a contação de histórias foram aprendidas. Dentre elas, destaca-se o relato do conto tradicional de literatura infantil intitulado “O velho, o burro e o menino” em linguajar típico da região feito pelas estudantes. A seguir, o conto sendo contado em dialeto cuiabano.

### O VÉIO, O GURI E O BURRO<sup>3</sup>

Um Véio Cuiabano lá do cepeá  
Precizano de dinhêro  
Um día bem queeente memo  
Mando o fio dêle  
Buscar o buru pra vendê  
Prá ganhá dinheero.

O guri veio ligêro  
Trazeno o buriinho,  
Foi os trêx lá bate coxa pro centro  
Nun tinha nem manhecido  
Ninguém munto no bixo  
Pra ele num parece  
que tava cansaço do caminho.

Cuando discurda  
la estrada  
Viro viadjantê  
Que falou: - “Agora o quequeesse! ”?!  
Dois bocoió,  
Andano de pé”

- “Txuuuca txa por Deus! Tá pagnu pegado?”  
E o véio fico pensaaaano  
E monto no Buru  
Inocceente, Coitado!.

O véio falo:  
- “Oia, bamo cala a boca desse povô!”  
aí as lavaderas  
Gritaru: - “Larga de ser trotxa!”

- “Um veio forgado  
muntado no buru  
E o Guri  
Puxano o burro! Ah, marvado!...  
Tamo ficano mole memo  
Desça daí xeu Troço  
Que o guri tá Jururu!”

aí o véio desceu  
fêchô a cara  
Daí o guri muntô  
Daê ele falô:

---

<sup>3</sup> História recontada na disciplina “Literatura infantil” pela Erica do curso de Pedagogia da UFMT (2017) e na sala de aula do 1º ano C da EMEB Octayde Jorge da Silva, Cuiabá (2020).

- “Agora quero vê esse povo cuxixa!”  
e foi andano

ali na curva  
andano de bicireta  
O rocerro falo: - “Bonito prô cê!  
O Buru nun vai nem anda máx!”

Daí o véio nun guento e mando o guri descê  
- “desce logo troço”.

- Nu quero mas ouvi desaforo de xeu ninguém  
Bamo andá com buru nas carcunda  
E os doxs andano com o buru nas costas

Maxs pá frente, encotraro uns gurizada  
: - “Espia lá txas criança!”  
Buru demax esses doxs!

E o veéio grita: - “Esurta!

Nun guento mas esse povo falano!  
Txega de escuta os outro,  
Ieu no sô pioio de xeu ninguém.  
Banbora guri, larga esse Buru no txão!

Ao contar a história dessa forma, provocou o riso em muitos dos alunos da disciplina optativa, pois a maior parte da turma nunca tinha ouvido uma contação de história daquela forma, vários questionaram sobre o significado de algumas palavras, além disso se interessaram pelo assunto e queriam pesquisar mais sobre o dialeto Cuiabano. A docente da disciplina apontou a necessidade de se abordar assuntos como esse já na Educação Infantil e por seguinte também nos anos iniciais, mesmo que de forma simples.

Foi por meio do impulso da professora da disciplina, que ao chegar na prática profissional (sala de aula) poucos anos depois, fui levada a considerar essas questões a respeito da cultura cuiabana.

Na sala de aula, não foi tão diferente, houve riso e a princípio um estranhamento das crianças, elas pediram para que repetisse algumas palavras das quais não sabiam o significado ou nunca haviam ouvido antes. Foram observadas várias crianças que nunca tiveram acesso ao linguajar típico cuiabano, se viu a necessidade de se falar acerca do tema e se aprofundar um pouco mais sobre as especificidades do dialeto.

Foi dentro da roda de conversa com os alunos sobre o assunto que foram feitas algumas reflexões, como por exemplo, o modo como são tratados e vistos os falantes desse linguajar e o respeito à cultura típica cuiabana.

Algumas palavras são aparentemente estranhas para quem não as conhecem, mas comum a aqueles que costumeiramente usam esse linguajar. As famílias mais antigas cuiabanas têm o costume de se comunicarem assim, isso além de rico é incrível a aqueles que percebem o valor de se preservar algo dessa magnitude. Os diálogos entre as famílias se apresenta de forma típica e bem-humorada, mas muito mais que isso, o falar “Cuiabanês” é um tesouro para as atuais e próximas gerações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa história e tantas outras podem ser recontadas na Educação Infantil e anos iniciais, como prova de que valorizar a cultura nunca deixará de ser importante. Assim como nos adaptamos as histórias e tecnologias diferentes, a criança pode se adaptar as novas vivências, a forma, o estilo e o meio. Mesmo que esses não sejam estranhos a princípio.

Por meio da contação de histórias podemos trabalhar muitos aspectos que contribuam para a formação social e linguística de uma criança, mas se pode despertar nela o respeito pelo que lhe é diferente, ou ainda, aceitar a sua cultura como um todo, inclusive o seu linguajar.

Mas contar histórias usando o patrimônio imaterial da cultura local está muito além da valorização ou do conhecimento dela, e sim, de uma aproximação com o passado de lutas e opressões, onde a cultura europeia prevalecia sobre as outras, que na maioria das vezes foram tidas por inferiores. Ainda restam vestígios coloniais, pois muitos negam as suas raízes, quando são convencidos de que o linguajar local é algo feio e errado. Quando se entende questões como essas, logo se muda o modo de olhar e pensar o falar cuiabano.

Pode ser que no momento em que são contadas as histórias, os alunos não entendam e achem engraçado, mas certamente, se lembrarão com carinho das histórias que ouviram quando pequenos. Sementes de respeito e lutas podem ser germinadas para que futuramente elas cheguem a frutos de paz, solidariedade e de democracia.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Cristina. **O falar cuiabano**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2014.

COX, Maria I. P. **Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – O falar Cuiabano em evidência.** Cuiabá: EdUFMT, 2008.

DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: Variação e mudança Linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso.** 2003. 256f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) - UFMG/POSLIN, Belo Horizonte, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

MEC. Conselho Nacional de Educação. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Parecer Normativo, n. 20, 11 de novembro de 2009.** Relator Raimundo Moacir Mendes. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=3748-  
parecer-dcnei-nov-2009&category\\_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3748-parecer-dcnei-nov-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 30 mar. 2023.

MILLER, Stella. AMARAL MELLO, Suely. **O desenvolvimento oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos.** Curitiba: Pro- infantil Editora, 2008.

RESOLUÇÃO CNE/CEB 5/2009. **Diário Oficial da União, Brasília,** 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1-XUQcn6RhWT-  
EW4y-WGdtPoMUnWSqZ5l/view](https://drive.google.com/file/d/1-XUQcn6RhWT-EW4y-WGdtPoMUnWSqZ5l/view). Acesso em: 29 mar. 2023.

PAES, Daniele Cristine Antunes; SOUZA, Gildeth Costa de. Os aspectos sociológico e Linguístico do “Cuiabanês”. **Revista Educação e Linguagem,** Cuiabá, v. 8, n. 1, p. 31-39, 2014.

3261

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia: Gwaya, 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CUIABÁ. **Escola Cuiabana: cultura, tempos de vida, direitos de aprendizagem e inclusão.** 1. ed. Cuiabá: Print Gráfica e Editora, 2019.

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.